

Capítulo 1

Origem da videira Niágara

João Dimas Garcia Maia

Origem e características

Segundo Hedrick et al. (1908), citado por Sousa (1959), a videira Niágara foi obtida por C. L. Hoag e B. W. Clark, de Lockport, em 1868, no condado de Niágara, Estado de Nova Iorque, Estados Unidos, a partir do cruzamento de Concord (*Vitis labrusca* L.) polinizada com Cassady (*Vitis labrusca* x *Vitis vinifera*). Portanto, a 'Niágara', em sua genealogia, tem 75% de *Vitis labrusca* e 25% de *Vitis vinifera*, uma provável razão por não ser tão resistente às doenças fúngicas como a Concord, que é uma *V. labrusca* pura. A cultivar Niágara Branca, segundo Sousa (1959), foi introduzida no Brasil a partir de bacelos vindos do Estado do Alabama, nos Estados Unidos, por Benedito Marengo, em 1894. Os bacelos foram enxertados em sua chácara, perto da cidade de São Paulo, onde o material foi propagado e depois disseminado para outras regiões do Estado.

A videira Niágara Branca (Figura 1) tem médio vigor e média resistência às doenças fúngicas, sendo fácil o controle contra míldio (*Plasmopara viticola*) e antracnose (*Elsinoe ampelina*), em anos e situações favoráveis. É sensível à podridão-amarga (*Melanconium fuligineum*) e à cercosporiose (*Isariopsis clavispora*), porém, resistente ao oídio (*Uncinula necator*). As uvas apresentam textura mucilaginososa, sua polpa se solta por completo da casca, e a película é branca. O teor de açúcares totais



Foto: João Dimas Garcia Maia

Figura 1. Cacho de uvas 'Niágara Branca'.

pode atingir 18 °Brix a 19 °Brix, em condições tropicais. A acidez total titulável fica em torno de 60 meq/L. Seus cachos são médios, compactos, cilindro-cônicos, o bago apresenta 21,8 mm a 22,8 mm de comprimento por 19,8 mm a 20,8 mm de largura, resultando em uma forma arredondada ou ovalada.

Em condições normais de cultivo, a uva Niágara não apresenta boas qualidades pós-colheita, já que em poucos dias ocorre o escurecimento da ráquis e degrana dos bagos. A planta tem alta fertilidade de gemas e é normalmente produtiva em poda curta. A maior área de produção dessa variedade está no Rio Grande do Sul, onde se destina, em grande parte, ao processamento, elaboração de vinho de mesa e de suco.

As mutações setoriais podem ocorrer em ramos, cachos e bagos. Sousa (1959) descreve quatro possibilidades de mutações somáticas setoriais nos cachos: a) cachos de 'Niágara Branca' com alguns bagos de cor rosada (Figura 2); b) cachos de 'Niágara Rosada' com alguns bagos de cor branca (Figura 3); c) bagos de 'Niágara Branca' com faixas setoriais rosadas; e d) bagos de 'Niágara Rosada' com faixas setoriais de cor branca (Figura 4).

Na região noroeste do Estado de São Paulo, município de Jales, embora o cultivo da 'Niágara Rosada' seja recente, tem sido frequente o aparecimento de mutações somáticas setoriais para cor. Já foram verificadas todas as mutações somáticas setoriais descritas por Sousa (1959) e outras mais, tais como: no mesmo ramo, cachos de uvas brancas e cachos de uvas rosadas (Figura 5); na mesma vara, ramos com cachos de uvas rosadas e ramos com cachos de uvas brancas (Figura 6).

Foto: João Dimas Garcia Maia

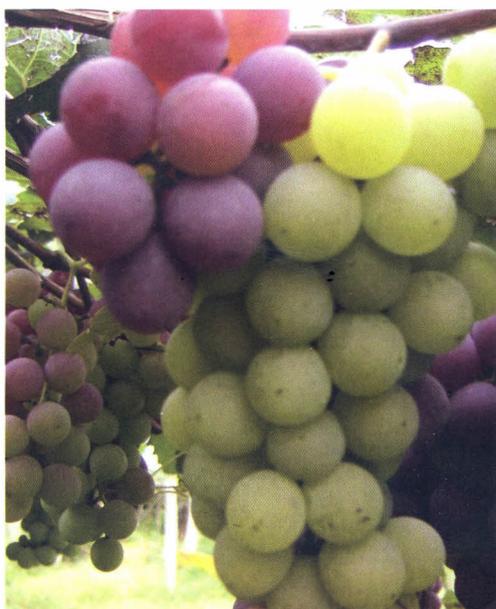


Figura 2. Cachos de 'Niágara Branca' com bagos de cor rosada.



Foto: João Dimas Garcia Maia

Figura 3. Cachos de 'Niágara Rosada' com bagos de cor branca.



Foto: João Dimas Garcia Maia

Figura 4. Cachos de 'Niágara Rosada', com mutação setorial de cor branca nos bagos.

Foto: João Dimas Garcia Maia



Figura 5. Cachos de 'Niágara Branca' e de 'Niágara Rosada' no mesmo ramo.

Desde o surgimento da uva 'Niágara Rosada', muitas outras mutações com sementes foram surgindo nos vinhedos, algumas tetraploides e outras diploides, a maioria sem valor comercial.

Sousa (1959) relata, em ordem de surgimento, as seguintes mutações de Niágara: bago arredondado gigante, em 1937; bago branco oval, em 1938; bago rosado arredondado gigante, em 1941; bago rajado arredondado, em 1947; forma Steck, em 1951; e bago rosado oval, em 1958. Pires et al. (1988) relataram o surgimento de um novo mutante de cor rosada, sem sementes, em 1982. De acordo com as citações de Sousa (1959) e Pires et al. (1988), a seguir, há uma breve descrição de cada uma das mutações.



Foto: João Dimas Garcia Maia

Figura 6. Varas com ramos com cachos de 'Niágara Branca' e ramos com cachos de 'Niágara Rosada'

Mutações somáticas da videira Niágara

Rosada arredondada 'Niágara Rosada' – Em 1933, surgiu a 'Niágara Rosada', um ramo mutante com cachos de uvas rosadas, identificado por Aurélio Franzini, no sítio Rententem, de propriedade de Antônio Carbonari, localizado a 2 km de distância do Bairro do Traviú, em Louveira, na época, distrito de Jundiá, SP. O ramo identificado foi marcado por Eugênio Carbonari, filho de Antônio Carbonari, e dele foram retirados os bacelos para propagação. Inicialmente, o material foi propagado na propriedade da família Carbonari, depois em toda a região de Jundiá e outros estados brasileiros. Segundo informações de viticultores antigos um ramo mutante de 'Niágara Rosada' também surgiu em um vinhedo na propriedade da família Gumiero, município de Louveira, SP, de onde foram retirados bacelos para implantação de novos vinhedos. Por ser mais atrativa, difundiu-se rapidamente sobrepondo a original.

É muito similar à 'Niágara Branca' quanto ao vigor da planta, alta fertilidade de gemas (mesmo basais), tamanho e forma de cachos, tamanho e forma dos bagos, é idêntica no sabor *fox* – típico das uvas labruscas –, a textura da polpa é mucilaginosa, e apresenta teor de açúcares e acidez do mosto similares aos da 'Niágara Branca'.

Tem ainda comportamento semelhante ao da 'Niágara Branca' em relação às doenças fúngicas, com média resistência ao míldio (*Peronospora viticola*) e antracnose (*Eusinoe ampelina*), e sendo sensível à podridão-da-uva-madura (*Coletotricum lindemuntianum*), podridão-amarga (*Melanconium fuligineum*) e cercosporiose mancha-das-folhas (*Isariopsis clavispora*). Apresenta boa resistência à podridão-cinzenta, causada por *Botrytis cinerea*, e ao oídio (*Oidium necator*), tanto nas folhas como nos cachos. Assim como a 'Niágara Branca', a 'Niágara Rosada' é sensível à ferrugem-da-videira (*Phakopsora euvitis*) e requeima-das-folhas (agente etiológico ainda não identificado). Por ser de cor rosada (Figura 7), é muito apreciada pelos consumidores brasileiros.

Foto: João Dimas Garcia Maia



Figura 7. Cachos de uvas 'Niágara Rosada'.

Na Serra Gaúcha, a cv. Niágara Rosada atinge, em média, 16,39 °Brix, acidez total titulável de 61 meq/L e pH igual a 3,21. Na mesma região, o ciclo, da brotação à colheita, é de 142 dias (EMBRAPA UVA E VINHO, 2011). Em condições tropicais, a duração do ciclo é de 105 a 110 dias e essas uvas são destinadas exclusivamente para consumo in natura.

Branca arredondada gigante – apresenta cachos de tamanhos médio a grande, forma cilíndrica, com número de bagos em torno de 37, tem forma arredondada – como o próprio nome indica –, com polpa fundente. Aproximadamente, seu comprimento é de 25,5 mm x 21,8 mm; o número de sementes, 2,26; e o peso da semente igual a 56,47 mg. Suas folhas são maiores e mais pesadas que as da ‘Niágara’ normal. Em exames citológicos de raízes, foi constatado tratar-se de um mutante autotetraploide com $2n = 76$ cromossomos.

Branca oval ‘Niágara Oval’ – os cachos da ‘Niágara Oval’ surgiram quase na mesma época sobre pés de ‘Niágara Branca’, nos bairros de Fernandes e Rententem, no município de Jundiá. As videiras produzem cachos de tamanho médio a grande, formato cilíndrico-cônico, com média de 34 bagos por cacho. Os bagos são de formato oval, com, aproximadamente, 22,6 mm de comprimento por 17 mm de largura, têm 2,5 sementes por bago e peso médio de 43,4 mg. As diferenças em relação à ‘Niágara Branca’ foram percebidas por Marcelino Tomazetto, na época, ajudante de Antônio Carbonari em sua propriedade. Segundo Sousa (1959), a ‘Niágara Oval’ é uma mutação somática estável, pois manteve o formato nas videiras propagadas vegetativamente.

Rosada arredondada gigante – esse mutante surgiu em 1941, no bairro de Fernandez, em plantas de ‘Niágara Rosada’, em vinhedos dos irmãos Pompermeyer. O mutante teve número médio de bagos similar ao da ‘Niágara Branca’ e aos demais mutantes estudados. O tamanho aproximado dos bagos é 25,7 mm de comprimento por 22,7 mm de largura. As uvas tiveram entre 2 a 2,5 sementes por bago, valor inferior aos dos demais mutantes, exceto a ‘Niágara Branca Gigante’, que teve valores similares. Assim como na ‘Niágara Branca Gigante’, verificou-se maior vigor dos sarmentos e encurtamento dos entrenós, em relação à ‘Niágara Branca’.

Rajada arredondada ‘Niágara Variegada’ – trata-se de um mutante que surgiu no sítio São João, de propriedade dos irmãos Gumieiro, em Louveira, SP. A vegetação é idêntica à da original, a grande diferença está na coloração dos bagos: a cor é rosa-pálido, irregularmente distribuída sobre a cutícula de forma riscada. A ‘Niágara Rajada’ ou ‘Variegada’ não tem valor econômico por ser pouco atrativa ao consumidor. Na região noroeste do Estado de São Paulo já foram observadas plantas desse mutante

em vinhedos no município de Urânia. Vinhedos com plantas desse mutante não são adequados para a retirada de bacelos e, na época de coleta, normalmente em final de ciclo, não é possível distinguir as plantas de 'Niágara Variegada'.

Forma Steck 'Niágara Steck' – esse mutante foi encontrado em 1953, na propriedade de Luiz Steck, próximo da Estrada Louveira – Itatiba, SP. As uvas são arredondadas, menores que as de 'Niágara Branca'. A principal diferença está nos bagos: na 'Niágara Steck', as camadas periféricas da epiderme do bago parecem destruídas, permanecendo a cutícula normal, lisa, reluzente e pruinosa apenas em uma calota na extremidade pistilar proeminente. Na degustação, a casca revela-se áspera e grossa. O tamanho médio dos bagos é de 17,1 mm a 17,7 mm de comprimento por 16,3 mm a 16,9 mm de largura (formato arredondado). Os bagos tiveram, em média, 3,6 a 3,9 sementes, com peso entre 27,3 mg e 29,0 mg. Assim como a 'Niágara Variegada', não tem valor econômico.

Rosada oval 'Niágara Maravilha' – a mutação foi observada em 1958, em vinhedo de 'Niágara Rosada' pertencente a Belmiro Niero. Os bagos são mais compridos que os da 'Niágara Branca', porém menos largos, em média, com 23,1 mm a 24,1 mm de comprimento por 17,6 mm a 18,4 mm de largura, a relação comprimento versus largura é igual a 1,3, ao passo que da 'Niágara Branca' é de 1,1. As uvas apresentam textura macia semelhante a da 'Niágara Branca' oval. Segundo Sousa (1959), a variedade é muito decorativa e poderia ter valor comercial.

Rosada sem sementes 'Rosinha' – esse tipo é relatado por Pires et al. (1988), trata-se de uma mutação para apirenia. Seus bagos são de cor rosada, com cachos similares aos da 'Niágara Rosada', quanto ao formato, cor e sabor. Quando comparado com a 'Niágara Rosada', teve uma forte redução no comprimento (33%) e largura (70%) de cachos, cujas dimensões médias foram de 7,6 cm para o comprimento e de 4,7 cm para a largura. Para os bagos, o tamanho médio foi de 12,9 mm de comprimento por 12,6 mm de largura. Normalmente, o teor de açúcares totais foi 19% superior em relação ao teor da 'Niágara Rosada'.

Referências

EMBRAPA UVA E VINHO. **Banco Ativo de Germoplasma de Uva**. Disponível em: <www.cnpqv.embrapa.br/prodserv/germoplasma>. Acesso em: 2 fev. 2011

PIRES, E. J. P.; POMMER, C. V.; PASSOS, I. R. da S. Mutante somático sem sementes em videira 'Niágara Rosada'. **Bragantia**, Campinas, v. 47, n. 2, p. 171-176, 1988.

SOUSA, J. S. I. de. Mutações somáticas na videira Niágara. **Bragantia**, Campinas, v. 18, n. 27, p. 387-415, 1959.